

O ALCOOLISMO NO PÔRTO

170/4 FMP

(H)

ALBINO DA SILVA E SOUSA

O ALCOLISMO NO PÔRTO

(ESBÔÇO DE UM ESTUDO)

Dissertação inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto—Julho—1917.

170/4 FMD

TIPOGRAFIA DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO—1916

Faculdade de Medicina do Pôrto

DIRECTOR

Cândido Augusto Correia de Pinho

SECRETÁRIO

ÁLVARO TEIXEIRA BASTOS

CORPO DOCENTE

Professores Ordinários e Extraordinários

1.a classe—Anatomia	{ Luis de Freitas Viegas Joaquim Alberto Pires de Lima
2.a classe—Fisiologia e Histologia	{ José de Oliveira Lima Vaga
3.a classe—Farmacologia	Vaga
4.a classe—Medicina Legal e Anatomia Patológica	{ Augusto Henrique de Almeida Brandão Vaga
5.a classe—Higiene e Bacteriologia	{ João Lopes da Silva Martins Júnior Alberto Pereira Pinto de Aguiar
6.a classe—Obstetrícia e Ginecologia	{ Cândido Augusto Correia de Pinho Álvaro Teixeira Bastos
7.a classe—Cirurgia	{ Roberto Belarmino do Rosário Frias Carlos Alberto de Lima Antônio Joaquim de Sousa Júnior
8.a classe—Medicina	{ José Dias de Almeida Júnior José Alfredo Mendes de Magalhães Tiago Augusto de Almeida
Psiquiatria	Antônio de Sousa Magalhães e Lemos

Professores jubilados

José de Andrade Gramaxo
Pedro Augusto Dias
Maximiano Augusto de Oliveira Lemos.

« A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições ».

Artigo 155.º do Regulamento da Escola
Médico-Cirúrgica do Porto, de 1840,
23 de Abril.

Á SAGRADA MEMÓRIA

DE

MINHA MULHER

Contigo se me foi todo o
gôzo de viver; breve como
a tua existência o sôpro da
felicidade.

Á MEMÓRIA

DE

MINHA SANTA MÃE

Quási vos não conheci; na
vossa fronte gelada eu qui-
sera hoje depositar um beijo.

A MINHA FAMÍLIA

A MEUS SOGROS

O quanto vos devo jamais
o esquecerei; permiti hoje
vos beije as mãos.

A MEUS CONDÍSCÍPULOS
E AMIGOS

Um abraço.

AOS EX.^{mos} PROFESSORES

DA

FACULDADE DE MEDICINA DO PÔRTO

• AO MEU ILUSTRE PRESIDENTE DE TESE

PREÂMBULO

Há dois anos formado, isto é, tendo terminado as cadeiras do meu 5.º ano médico, impunha-se-me êste sacramento final para que ao abrigo da lei, sem a pecha de *charlatão*, eu pudesse intentar afoitamente o exercício da clínica.

¿Porque é que até hoje me não resolvi a escrever, para depois defender, esta tese, última amostra do meu esforço e do meu valor científico (?) perante a Faculdade prestada?

Não o sei. Intentarei, porém, dar uma explicação ao facto, que poderá merecer reparos. E como êle entra no domínio do fôro íntimo, também íntima, subjectiva, pessoal, quási confidencial tem de ser a explicação.

Doente desde há muito, ou antes achacado, o autor dêste trabalho concebeu, a partir do momento em que o diagnóstico de uma doença grave lhe foi feito, um singular desapêgo à vida, um particular estado de indiferença, que lhe acarretou um grave afrouxamento das energias da vontade.

Sem ter resolvido definitivamente se se há de dedicar ou não à carreira clínica, neste indiferentismo, que, se não é desgosto pela vida, é contrariamente o desejo de a atravessar com o mínimo de agruras e de contrariedades, não se lhe tem afigurado de necessidade urgente esta terminação do seu curso.

Demais, mesmo quando, em caso de urgência e à falta de médico próximo, os meus vizinhos apelam para os meus serviços, eu como homem de coração não me nego a prestar-lhos, sem que grande seja o receio que me acomete de vir a cair sob a alçada de uma lei temível contra curandeirismo, se é que ela existe em Portugal.

Havia realmente de ter graça que eu, quintanista concluso da Faculdade de Me-

dicina do Pôrto, fôsse julgado e condenado quiçá em pena grande por exercício ilegal da medicina, quando em volta de vós todos, médicos que o sois, e de mim, que por certo a breve trecho o vou ser, enxameiam e medram sem desassossêgo centenaes de curandeiros de todos os quilates e feitios, que a lei não incomoda e os médicos às vezes não repelem!?...

Mas, adeante! Firmado uma vez no projecto de escrever êste *q. s.* de páginas para atravessar o portão da legalidade clínica, pensei em intitular a minha tese com o modesto chamadoiro de *Alguns casos clínicos*, e para aqui transcrever do meu caderno de notas umas tantas observações colhidas junto de doentes em companhia de outros clínicos.

Mas não persisti por muito tempo nesta ideia. Pensei depois em ocupar-me da *Tabes*, principiando por estudar o meu caso pessoal e colher após algumas observações de outros casos e compilar o que do assunto dissessem os mais considerados autores.

Mas sempre me repugnaram estes trabalhos de compilação para dissertação final e

não havia de ir agora, em desacôrdo com a minha própria ideia, defender eu também uma tese de compilação.

Assim, firmei-me por último — e parece que já daqui não arredarei — na escolha de um capítulo da Higiene Portuense — *O Alcoolismo no Pôrto*.

Assim, contribuirei com uma parcela, embora mínima, para o estudo do problema, e farei trabalho mais pessoal, em que no entanto tive dedicados auxílios, a que aqui me apraz prestar homenagem: ao colega Dr. Rómulo de Oliveira, que, digno inspector da polícia de segurança, amávelmente se prestou a fornecer-me os quadros da prostituição no Pôrto, ao Sr. Alberto Begonha, que me deu as indicações do número de estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas existentes no Pôrto, à Secretaria do Hospital da Misericórdia, que me facultou indicações dos casos de etiologia alcoólica daquela casa de assistência, ao Sr. Carlos Gonçalves, que me facilitou os dados para avaliação do número de crimes de embriaguez julgados no Tribunal de Investigação Criminal do Pôrto.

Finalmente ao colega Dr. António Barra-

das, que dedicadamente me encorajou para levar a cabo êste trabalho, e além de me oferecer alguns alvitres que aproveitei, ainda quis encarregar-se do impertinente trabalho da revisão das provas.

INTRODUÇÃO

Há em Portugal o preconceito de que não existe entre nós alcoolismo.

Triste preconceito é êsse, que, ocultando-nos o mal, nos quebra e aniquila a vontade de o combater.

E no entanto quem é que o não pode observar sob variadas formas e feitios. Quem ao domingo passeia as ruas da cidade, ou vive, como eu, num subúrbio predilecto para piqueniques domingueiros, bem reconhece o estado em que a maioria dos convivas regressa a casa, após as fartas libações que são do estilo. O homem bate na mulher, que lagrimeja de dor e de comoção etílica, os filhos escabreiam e barregam também já sob o in-

fluxo deprimente de báquicas orgias. É como diz o *fado*: o homem que

Discute com a mulher
E dá *castanha* nos filhos;
A tia, nos mesmos trilhos,
P'ra não ficar em jejum,
Bebe três copos de rum.
Vai bomba, arrebenta, pum!
Vai Carcavelos e Porto,
E no fim 'stá tudo torto
E arrebenta o 31.

A cada canto se encontra um *Borracho* a cair, depois de ter esgotado a féria ou míseros cobres mendigados; há os tipos clássicos das ruas, de tradição perpetuada pela *piada* de espírito... vínico. Ele é o *Estabareda* e o *Borrachinha*, hoje bem substituídos pelo *Freixeda* ou pelo *Talassa*.

Nas enfermarias de Hospital a cada passo chega a papeleta de uma *gastrite alcoólica* ou de uma *cirrose atrófica*, como de *neurites polimorfos*.

Só eu à minha conta no 5.º ano tive de tratar em clínica médica dois casos de *gastrite alcoólica*, além de ter observado muitos

outros de cirroses, neurites, etc., de origem alcoólica, que haviam sido distribuídos aos meus condiscípulos.

No Manicómio também não faltam casos de etiologia alcoólica, desde a banal *dipso-mania* — héredo-alcoolismo — até à terrível paralisia geral de causa alcoólica.

Aos domingos e sábados à noite no banco hospitalar os clínicos de serviço quando teem de preencher a linha das *Causas do accidente* inúmeras vezes rabiscam já quási automaticamente a *Embriaguez*.

Ao clínico, nas suas visitas domiciliárias e no seu forçado ingresso pelo *home* recôndito de cada um, a cada passo se deparam casos de alcoolismo, ainda nas famílias que de melhor conceito gozam, e de maior continência dão o aspecto.

Êle é o burguês obeso e rotundo, de faces congestivas que os parvos chamam *cores de saúde*, é mesmo a dama anafada de moral de convenção, que ao fim do repasto se tornam gárrulos e sinceros, dando razão ao dito latino *In vino veritas*, porque já antes haviam fundamentado o rifão português que o D. João da Câmara immortalizou nos *Velhos*:

Antes das sopas — molham-se as bôcas
No meio dela — rega-se a goela
Sopa acabada — goela regada.

Quando outras vezes não é o cidadão burguês ou capitalista que vai fundear no restaurante *chic* a abeberar com cálices profusos de bagaceira ou contínuos copinhos de *benedictine* a digestão difícil que nada apressa; ou a dama acima referida que vai peguilhar em embirrentas scismas com as criadas da cozinha ou do salão ou então se abre em confidências sornas e obscenas com a filha ou com a afilhada que tutela.

De tudo isto o clínico toma conhecimento no seu peregrinar pelos castos lares da burguesia, como pela sórdida mansarda do proletário; de modo tal que, necessariamente, se êle não é de pedra, o há de levar a cogitar no modo de acabar com tal pavor. E se hoje ao médico está distribuído um largo papel de sociólogo, não é neste campo que menos meritória se pode tornar a sua acção.

Neste país e neste povo, em que a *actividade* é quasi um mito, e em que o *deixa andar, corra o marfim* tem sido o *primum*

movens de quási todos os nossos progressos só por inércia realizados nos últimos tempos, claro é que o *alcool*, supremo depressor de actividades, muito já tem feito e mais promete fazer se não houver mão poderosa que lhe ponha travão formal.

Quanta reputação de homem público, de professor ou de político, de artífice ou de industrial, de burguês ou de proletário, não começa a sofrer profundos golpes no alicerce só quando o alcoolismo fatal inicia a sua visita funesta!

Ponhamos, pois, um obstáculo ao progredir incansável de mais este flagelo social e alguma coisa de bom, de proveitoso e útil teremos feito em prol da humanidade.

CAPÍTULO I

O ALCOOL

Dizem etimologistas que a palavra *alcool* (ou *alcohol* como antigamente se escrevia) é de origem arábica e significa *o subtil*¹, e designava outrora um pó impalpável. Lavoisier foi quem primeiro o empregou para designar, como hoje designa, o produto duma fermentação especial de um açúcar, ou seja, o composto formado na fermentação alcoólica dos líquidos sacarinos.

¹ Dizem eles ainda que se deve pronunciar *alcoól* e não *álcool*, como se pronuncia *fenol*, *diol*, *triol*, e se deve pronunciar *glicol*.

O mais comum é o porisso mesmo chamado *alcool ordinário*, e que é o alcool do vinho—*alcool vínico*—e quimicamente *alcool etílico* C^2H^6O .

É êle, o alcool que entre nós se extrai por destilação do vinho, da uva portanto, e que lá fora em grande escala se fabrica de cereais (arroz, milho, etc.) o que representa o mínimo de nocividade do alcool.

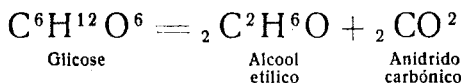
Em Farmácia emprega-se o alcool em vários grãos de concentração: a 90° para as tinturas de iodo e de cânfora; a 80° para as substâncias resinosas e matérias animais (cantáridas, almíscar); a 60° para os vegetais não resinosos, cujos princípios activos são solúveis na água (áloes, cólquico, ipeca, quininas, etc.).

Usualmente, ordena a *Farmacopeia Portuguesa* (1876) que se empregue o alcool a 85°, salvo indicação especial.

O produto da primeira destilação dos mostos fermentados é conhecido na indús-

tria, antes de rectificado, pelo nome de *fleuma* ¹.

Os produtos voláteis, condensados nessa primeira operação são principalmente *alcool etílico* e *anidrido carbónico*, segundo a equação



Mas no líquido obtido há algumas milésimas de outras substâncias: *glicerina*, *ácido succínico*, *glicol*, *celulose*, *matérias gordas*, *matérias extractivas*, e alcoois superiores: *propílico*, *butílico*, *amílico*, que constituem as impurezas. Algumas delas são tóxicas em maior ou menor grau, e mormente os alcoois superiores, cuja toxicidade vai aumentando na razão directa do seu pêso molecular. São alguns dêstes tóxicos que dão as mais apreciadas propriedades organolépticas às *aguardentes* de consumo.

Sendo um excitante difusível, como o

¹ Os dicionários (pelo menos os que eu consultei) não inscrevem a palavra.

acetato de amoníaco, etc., a sua acção torna-se geral em rápidos momentos, promovendo, por exemplo, em pouco tempo uma diurese abundante.

Rápidamente absorvido pelas veias do intestino, entrando na circulação sanguínea, ávido de oxigénio como é, vai sofrer a combustão, subtraindo violentamente o oxigénio ao glóbulo rubro, e anulando assim, ou antes, diminuindo a acção da hematose. Isto implica modificações importantes da nutrição geral, desvio do equilíbrio normal das funções tróficas habituais.

Dá-se a *braditrofia*. ¿Quais as suas manifestações? Diurese abundante; daí subtracção da água indispensável à boa dinâmica biocelular; isso explica a sede inextinguível que o alcoólico sempre manifesta, e que êle só deseja suavizar à custa de mais álcool — o seu desidratante. Diminuição da ureia excretada. Redução de sulfatos, fosfatos e uratos nas urinas.

A composição química destas varia, pois, segundo a qualidade e a quantidade das impurezas que veem juntas ao álcool etílico. Estas impurezas proveem da matéria prima

que sofreu destilação, do processo de fermentação, da operação destilatória, da idade da aguardente, etc., etc.

Em resumo, repetimos, podemos considerar o alcool vínico como representando o mínimo de nocividade dos alcoois. Êle não deixa, porém, de ser tóxico, como já por mais de uma experiência tem sido demonstrado. A toxicidade maior é a dos alcoois superiores, e ainda maior a das impurezas de que já falámos, a de alguns éteres que com o tempo se vão formando (*conhaque*, etc.), a das essências extraídas de plantas aromáticas, etc., etc.

O ideal, portanto, para combater esta nocividade do alcool em geral seria suprimir em absoluto o uso de toda e qualquer bebida alcoólica. Como, pelo momento, pensar em tal é pensar numa utopia, procuremos ao menos suprimir, quanto possível, o uso dos alcoois superiores e das essências e, enfim, todas as impurezas das bebidas alcoólicas, que tanto lisonjeam o paladar dos consumi-

dores, mas tanto lhe lesam a integridade das células.

Tudo isso seria função de um comércio honesto, em que cedesse alguma coisa à sêde insaciável do ganho a consideração humanitária da saúde pública, e de uma indústria hábil e progressiva, esclarecida pelas aquisições que modernamente a sciência tem feito neste particular.

Com efeito, sabe-se como os processos de destilação moderna evitam a produção de inúmeros produtos tóxicos, entre os quais o *furfurol* ocupa um papel importante.

CONSIDERAÇÕES SOB O PONTO DE VISTA FISIOLÓGICO

Acção fisiológica.—O alcool é um desidratante enérgico dos tecidos; produz uma rápida subtracção de água com desenvolvimento notável de calor. Paralisa a irritabilidade e contractilidade do protoplasma, actuando assim como o faria qualquer anes-

tésico geral, que, como se sabe, é sempre tóxico.

É o SISTEMA NERVOSO o mais atacado pelo alcool e onde êle de preferênciã se acumula.

O uso prolongado do alcool produz catarrhos crônicos das VIAS DIGESTIVAS, que se manifestam por anorexia, dispepsia, vômitos mucosos (pituitas) pela manhã, períodos de constipação alternando com outros de diarreia, etc.

Quanto ao APARELHO CIRCULATORIO o alcool, em dose um pouco elevada, acelera o pulso e faz elevar a pressão sanguínea. A face torna-se congestiva, os olhos injectam-se mas tornam-se brilhantes, a pele aquece. Em dose elevada faz diminuir a frequência das pulsações e abaixar a tensão sanguínea.

O alcool tem a princípio um papel excitante sobre o sistema nervoso, mas a esta acção sucedem fenómenos de depressão; os movimentos do coração e dos pulmões, a capacidade de trabalho dos músculos, a activi-

dade intelectual, primeiro aumentados, deprimem-se em seguida, descendo abaixo do normal.

TOXICIDADE

A *lei de toxicidade* dos alcoois pode ser assim formulada: — A toxicidade dos alcoois cresce com o número de átomos de carbono contidos em cada molécula e com o ponto de ebulição dos mesmos.

Passemos pois em revista os principais caracteres químicos dos diferentes alcoois e bem assim dos principais dos outros produtos, obtidos nas fermentações.

Alcool etílico ou *espírito de vinho*. C^2H^6O . — É o *alcool ordinário*, que é retirado de todas as fermentações, quer das substâncias açucaradas, quer da fécula, por destilação.

Líquido incolor, transparente, inflamável, sabor acre, cheiro aromático. Densidade 0,794. Ponto de ebulição, 78° 41.

Alcool propílico. C^3H^8O . — Encontra-se na destilação das aguardentes de uvas. — Líquido de cheiro espirituoso, límpido, mais leve que a água. P. E. = 98° .

Alcool butílico. $C^4H^{10}O$. — Encontra-se na destilação da aguardente de beterraba. — Líquido incolor, de cheiro espirituoso muito penetrante, ardendo facilmente com chama brilhante. P. E. = 109° .

Alcool amílico (óleo de batata). $C^5H^{12}O$. — Forma-se em todas as fermentações, mas encontra-se sobretudo na destilação dos óleos de batatas, das aguardentes de beterraba e de uvas. — Líquido incolor, tem um cheiro forte e desagradável; arde a 50° ou 60° . $D = 0,818$; P. E. = 132° .

Alcool hexílico ou *capróico*. $C^6H^{14}O$.

Alcool heptílico ou *enantílico*. $C^7H^{16}O$. — Encontram-se nos resíduos da destilação do óleo de bagaço de uvas.

Aldeídos. — Resultam da oxidação do alcool. A cada alcool corresponde um aldeído: *a. propílico*, *a. butílico*, *a. amílico* ou *valérico*, etc.

O *aldeído vinico* ou *ordinário*, C^2H^4O ,

é um líquido muito volátil, incolor, de cheiro penetrante, muito inflamável. P. E. — 21°.

Éteres. — Formados pela acção dum ácido sobre o alcool. São êles que dão um *bouquet* particular aos líquidos fermentados. São muito voláteis.

Furfurol. — Também chamado *aldeido piomúxico* é um óleo quási incolor, de cheiro especial sufocante. Encontra-se sobretudo nos alcoois de sementes.

Foram Dujardin-Beaumetz e Audigé que por experiências praticadas em 250 cães e mais tarde em 18 porcos, chegaram a fixar o que êles chamaram *dose tóxica limite* para cada alcool, isto é, a quantidade de alcool puro, calculada por kilograma de animal, necessário para lhe acarretar uma morte rápida, em 24 horas.

Aqueles experimentadores deram as cifras seguintes, como *dose tóxica média* por kilograma de animal:

	gr.
Alcool etílico	8,08
» propílico	3,80
» butílico	2,00
» amílico	1,70

	gr.
Alcool enantílico	8,00
» caprílico	7,25
Aldeído acético	1,12
Éter	4,00

Vê-se que de todos os alcoois o menos nocivo é o alcool etílico; que o alcool amílico é o mais tóxico dos alcoois superiores e que os mais perigosos são os aldeídos.

¿É ao alcool etílico ou às suas impurezas que se devem atribuir os fenómenos de intoxicação alcoólica?

O alcool *etílico* constitue a base das bebidas alcoólicas. Mas êle vem sempre acompanhado de outros alcoois da mesma familia (*propílico, butílico e amílico* e de outros produtos (*aldeído, furfurol, essências*), que são de toxicidade muito mais elevada. Isto não quer, porém, dizer que o *etílico*, só por si não seja já um tóxico. A dose mínima de alcool etílico capaz de produzir, por ingestão, a morte de um cão de dez kilos é de 80 gramas, o que dá para poder tóxico do alcool etílico—8 *gramas por kilo* de animal. Dos outros alcoois é o amílico que tem maior poder tóxico, o enantílico que o tem menor.

BEBIDAS ALCOÓLICAS, FERMENTADAS E DESTILADAS

Composição.—O suco dos frutos (uva, pêra, maçã) contêm um líquido açucarado que aparece também por transformação do amido na água que embebe cereais (principalmente grãos de cevada). Êste líquido açucarado, sob a influência da fermentação, dá origem a alcool. As bebidas assim formadas, as *bebidas fermentadas*, contem uma proporção de alcool que, nos mais alcoolizados, não ultrapassa 15 por 100. Mas pode-se concentrar êste alcool subtraindo pela ebulição (*destilação*) uma grande parte da sua água a estas bebidas ou ao suco de certos frutos (zimbro, ameixas, abrunhos) ou ainda actuando directamente sôbre líquidos que contem açúcar ou amido ou fécula transformáveis em açúcar, como o suco de beterraba, de batata, etc. A proporção do alcool pode elevar-se então até 100 por 100, mas, em geral, não ultrapassa 60 por 100.

Além do álcool propriamente dito ou «etílico» que se produz assim, o líquido contém substâncias secundárias ou impurezas: 1.º alcoois chamados «superiores» (amílico, propílico, butílico), porque o grau a que êles se vaporizam é mais elevado do que o do álcool etílico; 2.º éteres, essências diversas, das quais algumas dão o gosto especial à bebida e teem efeitos muito nocivos, mesmo em pequena dose.

Convêm dizer desde já que dêstes alcoois superiores se encontram apenas vestígios nos vinhos, e 3 a 4 milésimas nas bebidas destiladas de pior fabrico, donde resulta que se estas impurezas podem aumentar os maus efeitos do álcool, são no entanto um factor apenas secundário da intoxicação em que o papel principal é desempenhado pela *quantidade* ingerida.

A embriaguez é o sinal visível da intoxicação, mas esta produz-se muito mais cedo.

VINHO

Composição. — Esmagados e comprimidos, os bagos de uva dão um suco ou mosto, que contém em média 20 por 100 de açúcar, de que a maior parte fermenta sob a acção de *saccharomyces* existentes no seu envólucro, e dá origem ao alcool.

A composição média do vinho tinto, por litro, é a seguinte:

Água	850 gr.
Alcool etílico	60 a 150
Alcoois superiores (propílico, butílico, amílico, enantílico)	} Vestígios
Éteres, aldeído	
Glicerina	3 a 8
Açúcar	} 16
Substâncias albuminóides	
» gomosas	
» gordas	
» corantes	} 0,2 a 0,7
Tanino { Vinho branco	
{ Vinho tinto	1,5 a 2
Anidrido carbónico	} 0,5
Ácidos voláteis (acético, butírico)	
» orgânicos livres (málico, cítrico, succínico, tartárico	3
Sais (bitartarato de potássio, etc.)	4
Sais (fosfato de cálcio, de sódio, de magnésio, de alumínio	1,50

SIDRA

A *sidra* é uma bebida fermentada, bastante usada em França (Bretanha e Normandia) e que hoje começa a lograr algum consumo entre nós. É formada pela adjunção de 15 a 30 por 100 de água ao suco de maçãs; emprega-se uma mistura de maçãs doces, amargas e ácidas, que se reduzem primeiro a polpa num esmagador ou numa mó; após 24 horas de repouso leva-se esta polpa à prensa. O suco que dela se retira é recolhido em tonéis onde se deixa fermentar dois ou três meses.

A proporção de álcool na sidra varia entre 2 e 8 por cento, segundo a quantidade de água ajuntada pelo fabricante, e, mais tarde, pelo vendedor de retalho, se ela não vier engarrafada de casa do fabricante. (A sidra fornecida no Porto é-o em garrafas fechadas).

A sidra é diurética e a sua acção favorável sobre a regularidade das fezes é útil nos presos de ventre; mas é uma bebida pouco refrescante e que nalgumas pessoas chega a provocar diarreia.

Também em França se fabrica a *perada*, muito idêntica à sidra, com a simples substituição das maçãs por peras. Em Portugal ainda não foi introduzido o uso desta bebida.

CERVEJA

A cerveja é uma bebida de largo uso na Alemanha e nos países do norte. Entre nós não é habitualmente bebida doméstica, que acompanhe as refeições, mas dela se faz largo consumo (que tem aumentado e ainda tende a crescer) nas cervejarias e botequins, principalmente no verão. É uma bebida fermentada devida à transformação do amido da cevada, primeiro em açúcar, depois em álcool e ácido carbónico, pela acção de uma levedura. Ajunta-se a esta substância água, que se deve escolher pura, doce e pouco calcárea e depois um princípio amargo, a *lupulina*, produzida pelas brácteas fêmeas do lúpulo.

Composição.—A composição média da maioria das cervejas é:

Alcool	5
Dextrina	4,5
Açúcar não fermentado	1
Glicerina	0,77
Substâncias albuminóides	4,5
Acidez (ácido láctico, etc.)	0,18
Ácido carbónico	0,25
Cinzas, ácido fosfórico	0,08
Outras cinzas	0,15
	15,83
Água	84,17
	100,00

A cerveja deve ser límpida, transparente, fresca, macia, pouco espirituosa; a sua côr varia do amarelo-palha ao castanho.

VANTAGENS E INCONVENIENTES DA CERVEJA

A cerveja, sendo uma bebida que *ferveu*, não pode conter micróbios nocivos.

Nutritiva pelos seus princípios alimentares

Albuminoides	4,5 gr. p. litro
Dextrina e açúcares	5,5 » » »
Sais minerais (fosfatos, etc.)	2,5 » » »

aperitiva, tónica e refrescante pelo seu lúpulo, a cerveja é uma bebida recomendável e que se aconselha, particularmente às amas, para as quais no entanto ela é inferior ao leite. A dose pode elevar-se sem inconveniente a uma garrafa a cada refeição.

Tomada, porém, em muito maior quantidade, provoca a dilatação de estômago e a obesidade, principalmente ventral. Os grandes bebedores de cerveja são quasi sempre grandes barrigudos. Por outro lado, o abuso da cerveja produz também o marasmo, a sonolência. Com efeito, sendo o lúpulo da mesma família do cânhamo (*cannabis indica*) donde se tira o *haxixe*, nada extranho é esse efeito da bebida em que elle entra em maior ou menor escala.

O consumo da cerveja em Portugal tem sido sempre menor que o do vinho. Hoje elle tende a aumentar, o que não deixará de ter algumas vantagens.

CAPITULO II

O ALCOOLISMO

A intoxicação alcoólica pode ser *aguda* ou *crónica*, segundo a quantidade de alcool ingerida.

Embriaguez—Na forma aguda (*embriaguez*) há primeiro uma excitação geral de movimentos e de pensamentos; depois a palavra embarça-se, as ideias obscurecem-se ou tornam-se desordenadas, produzem-se náuseas, vômitos, o indivíduo cai num entorpecimento com perda de sensibilidade e respiração estertorosa, podendo terminar na perda de conhecimento, no coma, algumas vezes mesmo excepcionalmente na morte, que pode

sobrevir por congestão pulmonar ou por hemorragia meníngea.

Alcoolismo crónico; sua acção sobre a saúde. — A forma crónica adquire-se pelo uso repetido, muitas vezes quotidiano, duma pequena quantidade de álcool bebida de preferência de manhã em jejum (*mata-bicho*). As profissões sedentárias são as que mais predispoem, pois o álcool é menos facilmente queimado nos inactivos.

O alcoolismo crónico é caracterizado pela *gaucherie* dos movimentos, tremor das mãos, primeiro ao executar qualquer acto, mais tarde tornando-se contínuo; pelo abaixamento de forças e por inaptidão para qualquer trabalho.

A nutrição geral opera-se mal, e o álcool atravessando os órgãos altera-os gravemente a pouco e pouco.

Eis os seus principais efeitos:

na BOCA: língua pastosa;

na GARGANTA e LARINGE: rouquidão;

no ESTÔMAGO: digestão difícil (*dispepsia*),
vômitos pituitosos pela manhã (*pituita*);

no INTESTINO: digestão incompleta (*diarreia*),

no FÍGADO: obstáculo à circulação, incha-

ção do ventre, hemorragias, lesão dum tecido (*cirroze*);

no SANGUE: espessamento, coagulação, formação dum êmbolo que detêm a circulação (*embolia, trombose*); êste êmbolo no cérebro produz a paralisia (*amolecimento cerebral*);

nos VASOS: adelgaçamento das paredes, dilatações parciais (*aneurismas*); a rotura destes aneurismas no cérebro produz ainda a paralisia (*hemorragia cerebral*);

no CORAÇÃO: dilatação gordurosa (*hipertrofia com opressão*);

nas células nervosas do CÉREBRO: perda da razão, loucura (*demência, paralisia geral*) e nos seus envoltórios ou meninges (*meningite*);

no RIM: inchação das pálpebras, dos pés, de todo o corpo (*hidropisia*);

na PELE, principalmente do rosto: rubor do nariz, erupções (*caparrosa*);

nos OLHOS e OUVIDOS: enfraquecimento da vista e ouvido.

O sono é perturbado por sonhos terríficos ou cede lugar à insónia. Durante o dia o doente é perturbado por formigueiros nas

pernas, cenestesias várias, tremores, obtusidade da vista e do ouvido, etc.

A morte sobrevêm em consequência da doença do fígado (*cirrose alcoólica*) ou duma crise nervosa (*delirium tremens*) ou ainda da invasão dos pulmões pela tuberculose, cujo bacilo se multiplica tam fácilmente nos órgãos enfraquecidos.

Acção sôbre a hereditariedade. — Os filhos do alcoólico nascem mais frágeis que os outros e desde os primeiros anos são frequentemente atingidos de *convulsões*, de *epilepsia*, de *meningite*, de *surdi-mudez*, de *idiotia*. Todas estas crianças teem uma impulsão para beber (*dipsomania*). São mais fácilmente atingidos que os outros indivíduos pelas diversas alterações do alcoolismo, principalmente pela *alienação mental*. Uma quantidade relativamente pequena de alcool provoca neles a embriaguez.

CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DO ALCOOLISMO

A quantidade de alcool consumido por habitante tem tendência a elevar-se em quási

todos os países. O número de tabernas cresce assustadoramente.

Paralelamente o número de casos de loucura. 60 a 70 % por 100 deles tem por causa próxima ou remota o alcoolismo.

A acção sobre a mortalidade geral é também muito sensível. Onde mais se bebe é onde mais se morre.

A comparação da carta das regiões onde a tuberculose mais devasta com a carta de alcoolismo mostra que as regiões mais infestadas são aquelas onde se bebe mais aguardente.

Outro tanto succede com a criminalidade: o alcool é o povoador das prisões.

Os vadios são quasi todos alcoólicos ou filhos de alcoólicos. A criminalidade alcoólica é *as mais das vezes uma criminalidade *precoce*.

Por cada 100 presos por assassinio contam-se	53	alcoólicos
» » » » »	fogo pôsto	57
» » » » »	vagabundagem	70
» » » » »	ofensas corporais	90

Os crimes e delitos elevam-se em proporção quasi matematica do consumo do alcool.

Quanto à mendicidade, ela fornece cerca de 80 por cento de alcoólicos.

ALCOOIS INDUSTRIAIS

Durante muito tempo a campanha anti-alcoólica teve principalmente como objectivo os alcoois industriais; mas teve de se reconhecer que o alcool de frutos, principalmente o fabricado em simples alambiques e por consequência sem as rectificações empregadas na indústria, era pelo menos tam nocivo como aqueles. A bem dizer, é mesmo mais, porque as impurezas dos alcoois industriais, como tem mau gosto, devem forçosamente ser em grande parte suprimidas (máximo de ordinário 0,5 por litro), ao passo que as impurezas das aguardentes de frutos, dando-lhes um aroma agradável, são, pelo contrário, cuidadosamente conservadas e variam entre 0,6 e 2 por litro. A única vantagem, pois, destas bebidas será o serem caras, o que lhes limita a compra e portanto o uso.

Deve ser dito que os aparelhos para a

rectificação dão bons resultados, mas acarretam despesas assás elevadas e o abandono do alcohol que passa no principio e no fim da destilação (alcoois de cabeça e de cauda) e que contem os principios nocivos (alcoois superiores e éteres).

Licores aperitivos e digestivos. — Os licores que se bebem antes das refeições são chamados *aperitivos*: os que se bebem depois da sobremesa chamam-se *digestivos*. Qualquer destas denominações é falsa. Os aperitivos, licores de alcohol pouco diluído (18 a 72 por 100) paralizam a acção dos liquidos encarregados de efectuar a digestão, não teem pois o efeito aperitivo do vinho quinado, por exemplo, que contêm só 8 por 100, e que é receitado na dose dum cálice pequeno e durante um periodo de tempo limitado.

Vem a propósito citar a frase expressiva de Trousseau: «tomar aperitivos antes das refeições é abrir o apetite com chave falsa.»

Quanto ao efeito digestivo é igualmente illusório: o alcohol não activa o trabalho digestivo; o alívio que produz em certos casos, após uma refeição copiosa, não é devido a te-

rem sido os alimentos transformados mais rapidamente, mas sim a que, irritados por êle, os músculos do estômago se contraem violentamente e expulsam os alimentos para o intestino antes que o suco gástrico tenha podido actuar. O resultado definitivo é muitas vezes uma diarreia, que evacua substâncias não digeridas.

Ao perigo da forte proporção de alcool que contem a maior parte dos licores ajunta-se o das essências que os perfumam e muitas das quais são venenos violentos (absinto).

Dantes fabricavam-se licores destilando frutos; começou-se a achar mais simples e mais barato ajuntar a alcool industrial, ou uma essência natural produzida pela concentração do alcool de fruto, ou uma essência artificial química (ácido cianídrico ou prússico, salicilato de metilo).

O ALCOOLISMO E A LOUCURA

Um factor da loucura, e dos mais temíveis, é sem dúvida alguma o alcoolismo, a causa mais poderosa da decadência dos po-

vos, das raças e da degenerescência social. O alcoolismo não nasceu nos nossos dias; se a designação, criada por Magnus Huss, é relativamente recente (1852), a doença, essa é muito antiga. Basta percorrermos a história dos diversos povos para disso nos convenceremos. Pinel verificou que na Inglaterra a *loucura* dependia quasi sempre do *abuso do vinho*.

Casper diz que o abuso do alcool é precisamente uma das causas que contribuíram para aumentar o número dos alienados em Berlim, durante os últimos anos.

Esquirol (1838) cita um grande número de alienações mentais que devem a sua origem à embriaguez habitual. A embriaguez, alterando o cérebro, degrada pouco a pouco a intelligência, enfraquece os órgãos do movimento, conduz à loucura, ao *delirium tremens*, à parálisia geral, que mata um tam grande número de alienados.

Os trabalhos de Lasègue, de Lancereaux, de Magnan, o relatório de Claude (dos Vosgos) demonstraram com fundamento nos números, que a loucura tem as mais das vezes o alcoolismo por causa directa.

Morel diz que o mais pernicioso efeito do alcool não está positivamente nos seus efeitos mortais, mas sim no enorme desequilíbrio social que êle causa e sobretudo nos perigos que êle produz na segunda geração, onde as suas taras hereditárias se fazem, tristemente, sentir.

CAPITULO III

PROFILAXIA DO ALCOOLISMO

Todos aqueles que se preocupem com a saúde da nação, com esta saúde moral e física que faz a fôrça dos povos, devem opor remédios enérgicos à propagação do mal, por meio de uma profilaxia rigorosa.

Numerosos são os métodos propostos; os resultados que êles teem dado é que não são grandes. Vamos passá-los em revista:

Proibição da venda de bebidas alcoólicas às crianças e aos ébrios.

Regulamentação das horas e dos dias de abertura das tabernas.— Na Escócia es-

tabeleceu-se a abertura das tabernas às oito horas da manhã e encerramento às onze da noite, com encerramento absoluto ao domingo. Esta medida deu em resultado diminuir perto de 50 % o número de prisões e de crimes.

Um dos meios que mais resultados deram na Suécia e na Noruega foi o de as sociedades de temperança comprarem as licenças de venda a retalho de aguardentes e licores. Mantinham as tabernas com a restrição de se fecharem às 8 horas da noite à semana, e às 5 da tarde ao sábado e ficarem fechadas nos dias de festa, de eleições, etc. Assim se restringiu enormemente o consumo do alcool; na Suécia, de 23 litros por indivíduo em 1829 passou a 5 litros em 1875 e a 3 litros em 1890, isto é, respectivamente nos prazos de 46 e de 15 anos baixou 18 e 15 litros; na Noruega de 8 litros em 1830 passou-se a 1, 5 em 1891. Decréscimos igualmente rápidos foram obtidos na Dinamarca, na Alemanha, na Suíça. Em França, ainda hoje o consumo de alcool por pessoa (compreendendo mulheres e crianças) é de 4 litros, triplicou desde 1850 até 1900.

Na Holanda o coeficiente de consumo é

de 6 litros por habitante, na Alemanha 8 e na Bélgica 9.

Aumento de imposto sôbre o alcool. — É considerada uma das medidas de menor eficácia. A fazenda pública ganha assim mais, mas a saúde pública pouco mais lucra.

Redução do imposto sôbre as bebidas higiênicas e aromáticas. — Também não se tem obtido grande resultado desta providência.

Limitação do número de tabernas. — Ainda esta medida, muito em voga nos Estados Unidos, onde foi ensaiada em 1882, se mostrou pouco menos que improfícua.

RECTIFICAÇÃO DOS ALCOOIS

Na Alemanha e na Áustria foi proposta no Parlamento a concessão do monopólio de rectificação dos alcoois ao Estado, mas ficou letra morta.

Na Suíça foi estabelecido esse monopólio em 1886. Aumentou os rendimentos do Es-

tado, mas não satisfaz os higienistas. De entre estes Forel, o notável alienista, escreveu: «Felizes os Estados que ainda não fizeram esta experiência perigosa, pois não é fácil sair desta armadilha fiscal uma vez que nela se caiu. O capital das bebidas alcoólicas torna-se um poder que *acaba por enlaçar e finalmente aliciar o próprio Estado*, induzindo-o a tirar lucro da embriaguez do povo».

Em França também tem sido tentado o monopólio, mas tem sugerido considerações como as de Cololian:

«Com o monopólio do Estado, o alcoolismo, longe de desaparecer, tenderá cada vez mais a aumentar. O alcoólico beberá tanto mais quanto mais se lhe garantir a qualidade das bebidas; beberá muito mais quando lhe fornecerem *alcool rectificado, garantido pelo governo!* Hoje, ainda êle desconfia um pouco das bebidas que lhe fornecem e cuja proveniência desconhece e vai confessando que tudo é falsificado. Mas uma vez que o Estado lhe forneça garrafas de alcool com o seu sêlo, então êle beberá, com toda a tranquillidade, o produto quimicamente puro!»

Riche escreve: «Se, por desgraça, o mo-

nopólio do alchool viesse a triunfar em França, chegar-se-ia a fazer acreditar ao público que podem existir alchools cujo consumo seja inofensivo. É mister, muito ao contrário, repetir sempre que o alchool é mau em si mesmo e pela quantidade que dele se consome, qualquer que seja, afinal, a sua qualidade».

LUTA CONTRA O ALCOOLISMO

Pode efectuar-se:

1.º Por leis que estão ainda por fazer;

a) limitação do número de tabernas proporcionalmente à população; *b)* internamento dos alchoolicos em asilos especiais onde chegariam muitas vezes a ser curados do seu vício, de maneira a prevenir de preferênciã a ter de castigar;

2.º Pela applicação de leis sôbre a embriaguez e sôbre a idade dos bebedores e pela acção das Sociedades de Temperança e Ligas Anti-Alchoolicas;

3.º Pela melhoria da habitação do operário, pela educação prática da mulher e das crianças, por uma melhor distribuição das horas de trabalho, que lhes permita virem comer as refeições a casa; pelas conferências e sociedades *post-escolares*; pela leitura comentada de jornais, que dia a dia relatam crimes de alcoolismo; pelos restaurantes e cafés de temperança;

4.º Pelo ensino do valor comparativo dos alimentos e das bebidas, e das consequências do alcoolismo, na escola primária, nos liceus, nas escolas normais; pela educação, pelo exemplo (o burguês tem, a este respeito, tanta necessidade de ser educado como o proletário).

É fora de dúvida que a campanha anti-alcoólica tem dado já até hoje ótimos resultados. Há, porém, muito ainda a esperar dela.

LUTA ANTI-ALCOÓLICA

De tudo que se imaginou e experimentou para a luta contra o alcool, o que tem dado

mais e melhores resultados tem sido a propaganda particular e sobretudo a educação da mocidade.

Em toda a parte onde se explicam infatigavelmente aos bebedores os malefícios do alcoolismo, em toda a parte onde se tentou, pelo esforço particular, combatê-lo e propagar a abstinência, o alcoolismo caiu. A propaganda particular tem dado tais resultados, e em tam pouco tempo, que é crença corrente que será por este meio que mais facilmente se poderá atingir o fim que se tem em vista—o extermínio do alcoolismo.

Em quasi todos os países se tem criado sociedades de temperança; umas prègando a abstinência total do alcool, outras apenas a abstinência das chamadas *bebidas brancas*, os licores fortes.

Como em tudo, tem-se nisto intrometido também a religião. E não falando já nessas religiões longínquas, da Índia ou de mais além, que tem imposto a maior sobriedade, e portanto a abstinência de alcool, nos tempos modernos é de justiça confessar que o maior quinhão,—mas muito maior mesmo,—na luta anti-alcoólica cabe ao protestantismo.

Nas suas sociedades tem-se feito ouvir a palavra de sacerdotes, de médicos e de moralistas, que vão trovejando imprecações contra o alcool de passo que vão erguendo a sua melopeia de hinos laudatórios ao Senhor.

Em França a primeira Sociedade de Temperança foi criada em 1871. Hoje o seu número aumentou bastante.

Em Portugal, conheço em Lisboa uma, que publica um jornal.

No Pôrto está a campanha menos florescente. Não há propriamente nenhuma Sociedade de Temperança.

A Sociedade Vegetariana tem porê m feito a sua campanha de sobriedade, envolvendo entre os alimentos que proscreeve e condena, —o alcool.

Distribuíu mesmo, e honra lhe seja por isso, uma folha volante intitulada *O Alcool e o maior flagelo da Humanidade*, trabalho do Dr. Amilcar de Sousa, e que com a devida vên ia para aqui transcrevemos:

O ALCOOL É O MAIOR FLAGELO DA HUMANIDADE

Só depois do século xv é que este líquido subtil, volátil e combustível (até então conservado como filtro entre os árabes, que o não bebem, pois que a sua religião o proíbe) foi conhecido dos europeus. Cinco séculos de predomínio nas chamadas nações civilizadas bastam para estabelecer o cadastro horrível de tão enervante bebida. Não é preciso ir muito longe para se saberem os resultados assustadores, determinados pelo uso do álcool nas populações. Acolá, dentro de masmorras sórdidas e infectas, vivem criaturas que são nossos irmãos. Quem lhes pôs na mão a arma assassina ou os tornou ladrões dos bens e da honra alheia? Além, num asilo, crianças idiotas, surdas-mudas, taradas, vegetam, atrépsicas e inúteis, como um vilipêndio. Quem causou tal desordem na infância, que devia ser florida e viçosa como uma planta odorífera? Passam ali criaturas cambaleantes, pela rua, a horas mortas, glabras, sórdidas, infames—prostituídas e envilecidas. Quem as tornou assim, a tantas mulheres vendidas e a tantos homens sem brio e sem vergonha? Uma e sempre a mesma origem tem tanto desvario. O álcool, vestindo-se de matizes vários, desde o rubi ao topázio, da transparência do diamanté à côr da abóbada ce-

leste: eis o causador de todo êsse estendal de misérias físicas e morais. O álcool, seja bebido em cerveja ou em vinho, em absinto ou *wiskey*, é sempre o mesmo flagelo. Gera uma enfermidade que é a mais terrível das taras da Humanidade civilizada actual. O Alcoolismo, ou, em outras palavras, a embriaguez do século, manifesta-se desde tenros anos quando o líquido perturbador é ingerido. Desde logo o estado psíquico de quem o bebe se altera. O hábito instala-se a acompanhar à cova o delinqüente, se não aparece numa hora propícia, o remorso a ferir a consciência, para a encaminhar na senda do dever e da virtude. Mas o álcool tem tanto poderio que, apresentá-lo no pelourinho, não é de agrado de quási ninguém. Uns fazem cervejas; outros vinhos; outros licores! Êstes vendem-nos; aqueles compram-nos; aqueles outros bebem-nos! Poucos serão os indivíduos que tenham a sua existência liberta da cadeia alcoólica. Tal o motivo por que não quererão ouvir as nossas «blasfêmias...» Na seqüência dum gesto a cumprir, não podemos calar os erros determinados pelo uso do álcool. Em nome da Sciência, da Moral e da Higiene, condenamos o Alcool, assassino e burlão, pérfido e ruinoso. Cada copo de bebida fermentada é como que se se abrisse dentro de quem a ingere toda a boceta de Pândora da mitologia. «O Alcool faz, nos nossos dias—dizia Gladstone—mais estragos que os três flagelos históricos: a peste, a fome e a guerra. Mais que a fome e a peste êle

dizima; mais que a guerra êle mata; mais que a morte êle desonra». E para findar o Processo de tão grande Perturbador, transcrevemos as palavras do grande pensador francês Catulo Mendès, tão amigo de Portugal: «Conheces-me? Sou o príncipe que aparece nas alegrias, o companheiro de todos os gozos modernos, o mensageiro da morte, o princípio que governa o mundo. Estour presente a todos as reuniões e nenhuma delas se efectua sem a minha presença. Fabrico os crimes, faço nascer nos corações os pensamentos maus, mancho os lugares, sou pai dos filhos sem pai, enveneno a razão, trago a desonra, a depravação, os suicídios, a loucura, o crime em todas as formas imagináveis. Aspiro a converter o mundo num hospital, em um manicómio, em um circo onde estejam encerrados tigres, asnos, porcos, abutres, hienas. Quero sangue, ruína, dissolução, desespero...» O Alcool não é a água da Vida, é o veneno da Morte!

Tem além disso a mesma Sociedade em diversos números do seu jornal *O Vegetariano* feito propaganda contra o alcool e publicado alguns livros: *Vinho sem Alcool*, *Contra o Alcoolismo*, versão livre do Dr. Ardisson Ferreira, etc., etc.

Em Aveiro, o Dr. Jaime de Magalhães Lima, veneranda figura de moralista, tem es-

tudado o progresso e alastramento do alcoolismo no seu distrito, chegando a conclusões verdadeiramente surpreendentes.

Mas desgraçadamente este país ainda é o País das Uvas, como o intitulou Fialho, ainda é o País do Vinho, como o chamaram revisiteiros lisbonenses; entre nós descrê-se facilmente de que o alcool possa fazer mal; há um grande scepticismo a êste respeito, que se funda em que os nossos avós o bebiam e tinham saúde, teem morrido cidadãos com perto de 100 anos que se emborrachavam diáriamente, e que se o alcool conserva por fora, tambem deve conservar por dentro...

O papel do médico na luta anti-alcoólica.—Na luta anti-alcoólica é primacial o papel que o médico desempenha. Ele só, pode fazer mais que tôdas as sociedades de temperança. Quem se filia nas sociedades de temperança, quem vai ouvir as conferências contra o alcoolismo não são em geral os bebedores; o médico, porêem, vai até junto de todos, de muitos daquelles a quem os preconceitos do *mata-bicho*, etc., mais coloca na iminência do perigo alcoólico. Junto do trabalhador, do

operário, êle pode aconselhar a moderação no uso do vinho, a abstinência das aguardentes e licores. Nem sempre será ouvido, mas muitas vezes o será.

Proibirá o vinho puro às crianças, aos adolescentes, às mulheres grávidas, às amas, às pessoas nervosas, que por vezes tendências depressivas levam a abusar do álcool, na ideia de recobrar a alegria, o gosto de viver,

É o médico que deve explicar nas famílias a gravidade de uma bronquite, de uma pneumonia ou de uma dispepsia num bebedor; a desvantagem do álcool para os artríticos, a demora na cicatrização das feridas em qualquer alcoólico, etc., etc.

É à cabeceira do doente, perante a família, que o médico deve prègar o anti-alcoolismo e aproveitar a boa vontade com que o escutem para proclamar a água como a bebida mais sã e mais higiênica.

Cremos bem que já hoje vão rareando os médicos antigos, de inveterada crença de que o álcool é um alimento de poupança, e que portanto prescrevem durante semanas e meses poções cordiais e de Todd por dá-cá-aquella-palha . . . Quantos alcoólicos não fêz ou não

fomentou o uso prolongado dêsses vinhos eupépticos, tónicos, de carne, de cola, etc., etc.? Felizmente já passou a época em que à porta da Consulta do Hospital da Misericórdia um enxame de velhas bêbedas se agrupava em queixumes de achaques; e ao fim dizia à enfermeira:—Nós somos as dos *vinhos*. E o sr. dr. da Consulta receitava *vinhos* a todas!

Era mesmo justo e preciso que uma Faculdade de Medicina, uma Associação Médica, qualquer corpo, emfim, de reconhecida autoridade médica, traçasse as regras de procedimento que o médico deveria ter junto das famílias, no papel, que lhe deve ser obrigatoriamente distribuído, de propagandista anti-alcoólico.

*

A luta contra o alcoolismo deve iniciar-se pela educação infantil, e tem aí um dos seus mais belos capítulos. Começará na família, para se prosseguir na escola. Os pais, os mestres devem prègar o exemplo, praticando a abstinência.

É assim que se faz na Bélgica; na Inglaterra e na Suíça há sociedades infantis de temperança.

Em todas as escolas, como nos quartéis, colégios, sociedades, os professores e conferentes deveriam fazer sentir aos seus alunos, tam veementemente quanto possível, os perigos do alcool, fazer-lhes detestar esta bebestimagem sórdida que é o alcool, sob qualquer das formas que elle se apresente, tal como fazem detestar a mentira, a brutalidade, a delação — é esta a opinião de Magnan, de Sérieux, de Cololian e de muitos outros.

Mas não basta provar aos alunos que o alcool é um veneno, que é o povoador infatigável dos hospitais, manicómios e prisões, um dos grandes factores da degenerescência da raça; é mister ainda, é mister sobretudo dar-lhes uma educação moral, fortificar-lhes a vontade, robustecer-lha, prepará-la para a luta.

Pois se entre as causas diversíssimas do alcoolismo surge sempre em primeira plana a fraqueza de acção e de vontade, se *quem se torna alcoólico é porque não tem força para lutar contra os seus appetites ou contra os seus hábitos adquiridos* — ¿ não é ao tra-

tamento da *falta de vontade*, que deve ser dirigido mais eficazmente o ensino anti-alcoólico?

Assim como na questão da tuberculose há sempre a considerar o terreno e o bacilo — já alguém fez esta comparação — na questão do alcoolismo há a considerar o terreno — a fraqueza de vontade — e o agente — a tentação exercida pelo álcool.

A tuberculose e o alcoolismo existem por toda a parte; mas só a eles sucumbem os terrenos mal preparados.

É o caso de repetir essa frase de duplo sentido: — *Não se torna alcoólico quem quer.*

A criança ou o adulto ao saírem da escola entram na vida. Pois que eles levem já da escola o ensino que os preparará para a defesa, que os fará saber opor uma vontade forte de resistência à tentação, à imitação.

Senão, triunfarão os amigos, as circunstâncias, que o hão de arrastar até ao botequim, ao restaurante, à taberna, aos *abusos alcoólicos*, enfim.

Uma vontade mesmo média pode combater um primeiro desejo, quando está eluci-

dada sôbre as tristes conseqüências do alcoolismo. Mas se o gôsto se transforma em hábito, e se o hábito se torna em vício, a vontade recusa-se à luta e capitula.

O ALCOOL NO EXÉRCITO

Na Bélgica o ministro da guerra proibiu a entrada do alcool nas cantinas dos quartéis.

Na Inglaterra foi tomada a mesma medida.

Na França o General Galliffet, ministro da guerra, fêz o mesmo, com óptimos resultados; esta medida foi renovada recentissimamente (1914) quando estalou a guerra com a Alemanha.

CAPITULO IV

AS CONSEQUÊNCIAS DO ALCOOLISMO

As conseqüências do alcoolismo, que outrora eram pouco conhecidas, foram estudadas depois que o consumo do alcool tomou, em certos países, proporções consideráveis. Foram estudadas por médicos, economistas e sociólogos. Não devemos reduzir a questão do alcoolismo a uma questão de higiene; tem um alcance mais elevado, chegando a ameaçar poderosamente a vitalidade dos povos. Já Bouchardat, o grande higienista, asseverou: «O alcoolismo detêm a marcha ascendente da humanidade e deve conduzir fatalmente à substituição das raças que se degradam por

outras raças, virgens destas causas de degenerescência física e moral.

Os efeitos nefastos do alcoolismo são de duas ordens; uns atingem apenas o indivíduo, outros a raça, a sociedade em geral.

No primeiro grupo estão a influência do alcoolismo sôbre a saúde do indivíduo e as suas relações com a alienação mental, influências a que já nos referimos. No segundo grupo, vamos ainda mostrar (além de alargarmos o quadro das considerações já feitas) a parte que o alcoolismo desempenha na génese da *criminalidade*, da *hereditariedade* alcoólica, e finalmente, indicaremos o papel que é lícito atribuir-lhe no desenvolvimento do pauperismo.

I—O ALCOOLISMO, A MORBILIDADE E A MORTALIDADE

O alcool, determinando lesões nos diferentes órgãos, cria no bebedor um estado de inferioridade manifesta na sua resistência às doenças e às infecções. Sabe-se a gravidade

excepcional que revestem no alcoolismo a *febre tifoide*, a *erisipela*, a *pneumonia*, as *doenças epidémicas* e as *feridas*, pelo facto da alteração, melhor dizendo, da degeneração dos tecidos. Mas, ainda: aquele que se embriaga ou que bebe de mais cai muitas mais vezes doente do que o temperante. Provaram-no as estatísticas das Companhias de Seguros contra a doença.

Além disso — já o dissemos — o alcoolismo é o grande predisponente para a *tuberculose*.

Mackenzie, médico inglês, afirmou, faz agora 25 anos, numa sessão da Associação Médica Britânica (30-7-91) que das suas observações resulta a coexistência de sintomas de *alcoolismo* e *tuberculose* em 65 p. 100 dos casos; supomos que no nosso país essa taxa da coexistência deverá ser menor, mas nem por isso é caso para desprezar o estudo dêste facto elucidador.

Outro facto, que foi observado e depois demonstrado experimentalmente por Dé-léarde, do Instituto Pasteur de Lille, foi a ineficácia da vacinação anti-rábica nos alcoólicos. É que neles a imunidade não se produz.

O alcoolismo torna impossíveis as vacinações contra a raiva e contra a cólera.

É evidente que o alcoolismo diminue a longevidade. A abstenção do alcool prolongaria a vida humana por uns 8 ou 9 anos, em média, isto segundo os cálculos de James Whyt, de Manchester. É por isso — assinala Debove — que certas companhias de seguros estabelecem diferença na cota a pagar pelos segurados abstinentes de alcool ou não abstinentes, sofrendo a daqueles uma redução de cerca de 30 p. 100.

As relações entre o alcoolismo e a mortalidade estão mal estudadas e portanto mal estabelecidas.

Pode, porém, dizer-se que muitas *mortes violentas*, outras *mortes acidentais* e grande número de *suicídios* estão a êle ligados.

Assim na Suécia o suicídio começou a tornar-se muito menos freqüente desde que a taxa do alcoolismo baixou. A redução deu-se mesmo paralelamente.

Nada mais será necessário para concluir a influência danosa do alcoolismo sobre a saúde

do indivíduo e a sua culpabilidade na mortalidade geral.

II—O ALCOOLISMO E A ALIENAÇÃO MENTAL

O alcoolismo é uma causa frequente de loucura (em média 18 a 20 p. 100 de internados em manicômios são alcoólicos).

Uma forma de alienação mental, das mais graves se não a mais grave, a *demência paralytica*, ou, como correntemente se diz, *paralisia geral*, é quasi sempre devida à *sífilis*, mas pode também incidir sobre alcoólicos isentos de qualquer tara sifilítica. É vulgar então em sifilíticos alcoólicos.

III—O ALCOOLISMO E A CRIMINALIDADE

O alcoolismo conduz ao crime. Baer, no seu livro *Der Alkoholismus. Seine Verbrei-*

tung (Berlín, 1878), encontra a influência do
alcool em

46	por 100 de homicídios
63	» » » assassinios
74	» » » feridas graves
63	» » » » ligeiras
76	» » » casos de rebelião
54	» » » » » perturbações familiares
60	» » » » » violação
77	» » » atentados aos costumes.

• Toda a gente sabe que, tanto entre nós como em toda a parte a maioria das prisões são efectuadas ao domingo, ao sábado à noite e à 2.^a feira e que são também êsses os dias em que as tabernas são mais frequentadas.

Na Suécia a taxa da criminalidade tem diminuído paralelamente à taxa do alcoolismo.

Evidentemente que nem todas as bebidas influem igualmente na quantidade e natureza dos crimes. São os licores fortes (absinto, etc.) que mais predispõem ao crime violento.

Mottet (Academia de Medicina Francesa, 9 Julho 1895) citou o caso de um empregado de comércio que, tendo bebido dois copos de vinho branco, matou um filho e feriu gravemente a mulher. Fazendo-se a análise dêste

vinho verificou-se que continha uma grande quantidade de furfurool.

Em resumo, de numerosos dados colhidos a êste respeito, sabe-se hoje que a criminalidade de um país está sempre na razão directa do seu consumo de alcool.

IV—ALCOOLISMO E HEREDITARIEDADE

O alcool exerceu os seus estragos sobre o indivíduo: a lei fatal da hereditariedade vai, por seu turno, prosseguir-los na sua descendência, e nós vamos ver o alcoólico dar origem a *dipsómanos, degenerados, epilépticos, histéricos, alienados*, crianças atingidas de *malformações*, ou que morrem de *convulsões* ou de *debilidade congénita*.

Marcé relata os dois factos seguintes, que mostram bem a acção do alcoolismo sobre a *morte precoce* das crianças: um homem de 50 anos, que durante 20 anos fez excessos alcoólicos donde provieram perturbações cerebrais que tornaram necessária a sua admis-

são no manicômio de Bicêtre, teve 16 filhos; 15 morreram antes dos três anos, o que sobreviveu é epiléptico e escrofuloso. Um outro indivíduo, que também teve perturbações cerebrais devidas ao alcoolismo, casa-se duas vezes; de 16 filhos que tem da sua primeira mulher, 15 morrem antes de um ano, o décimo-sexto é epiléptico; tem oito filhos da segunda mulher, sete morrem de convulsões, outro, finalmente, é escrofuloso.

Legrain, que muito se ocupou desta questão no livro *Dégénérescence Sociale et Alcoolisme*, Paris, 1895, pôde seguir, até à terceira geração, 215 famílias de bebedores. Na primeira geração encontrou 508 indivíduos que apresentavam taras hereditárias, malformações, surdez, blesidade, degenerescência psíquica, alienação, epilepsia, etc. Na segunda geração, em 98 famílias, há 294 indivíduos atingidos; são *idiotas, imbecis, alienados, bebedores* sobretudo de licores fortes. Emfim, em sete famílias da terceira geração, só há 17 crianças, todas fracas de espírito. É preciso além disso contar nestas 215 famílias 174 nado-mortos.

Como esta, muitas outras estatísticas po-

deríamos apresentar, para as quais são bem dispensáveis os comentários.

Mas não é só o alcoolismo crônico o agente da degenerescência da raça; já os antigos sabiam e está hoje bem averiguado, que o alcoolismo agudo ou embriaguez tem uma acção manifesta sobre o desenvolvimento físico e psíquico das crianças procriadas sob sua influencia.

O absinto produz sobretudo a epilepsia. É o que se depreende do trabalho de Legrain já citado. O absintismo com epilepsia nos pais produz seguramente a epilepsia nos filhos.

Tais são, rapidamente esboçadas, as consequências que resultam da hereditariedade sobre a descendência do alcoólico. Esta degenerescência tem um tal eco, que as operações do recrutamento militar se tornam por vezes e em certas regiões muito difíceis, atenta a quantidade de mancebos que é mister isentar ou reformar por consequências do alcoolismo.

O alcoolismo ataca pois as nações nas suas forças vivas.

V—ALCOOLISMO E PAUPERISMO

¿É a miséria que cria o alcoolismo ou o alcoolismo que cria a miséria? As duas teorias são igualmente verdadeiras.

O que leva muitas vezes o operário ao alcoolismo é o êle acreditar que o alcool lhe dá energia e fôrça. Ora, esta crença repousa num êrro.

De dois operários igualmente fortes, o que não bebe alcool produzirá mais trabalho, como tem sido verificado em experiências, de que apresentamos um espécime:

Foram divididos em dois grupos um grande número de soldados da mesma idade, e, tanto quanto possível, de fôrça igual. A um grupo foi dada cerveja e outras bebidas alcoólicas; ao outro, água, café, chá, cacau, mas vinho, nenhum. Depois foram postos a trabalhar, pagando-se-lhes proporcionalmente ao trabalho efectuado. Ao princípio, o grupo alcoólico produziu maior tarefa; quando os homens começaram a fatigar-se, recorreram

à cerveja, que estava sempre à sua disposição. Mas o efeito do alcool acabou por se esgotar e ao cair da noite o grupo abstinente teve um grande avanço sobre o outro.

Assim aconteceu durante alguns dias até que os soldados que bebiam cerveja se viram obrigados a seguir o regime dos abstinentes para *ganharem*, diziam êles, mais dinheiro. Ao fim de certo tempo fizeram-lhes a vontade. Os abstinentes pediram, a seu turno, alcool, e os outros abandonaram-no.

Foi então o grupo dos alcoólicos que teve a princípio toda a vantagem; pois ao fim do primeiro dia foi vencido pelos bebedores de água, e êstes conservaram o primeiro lugar até o fim da experiência. Esta dupla verificação é suficiente para formarmos uma convicção.

As mais das vezes é o alcoolismo que, provocando a decadência moral do indivíduo, o precipita nos tremedais da miséria.

«Tal era outrora activo, laborioso, cuidadoso de sua pessoa, que se torna, ao tomar gosto ao alcool, desleixado, preguiçoso, negligente. Dominado pela sua paixão o êbrio é capaz de a ela sacrificar tudo, inte-

resses, profissão, família, dignidade... Apático, indiferente, sem iniciativa e sem energia, pusilânime, simples, fácil de conduzir e de convencer, esquecido dos seus e de si-mesmo, arrastando-se de devassidão em devassidão, reduzido à penúria e não hesitando mesmo em estender a mão à caridade para angariar os meios de satisfazer a sua ignóbil paixão, sórdido, abjecto, cheirando a vinho, desmoralizado, crapuloso, tal é muitíssimas vezes o homem que o alcool transformou.» (Fournier, Art. *Alcoolisme*, in *Dict. de méd. et de chir. pratique*).

VI—O ALCOOLISMO E A INFANCIA

Antes de terminar êste estudo do alcoolismo é necessário dizer duas palavras sobre o alcoolismo na infância. Deixando de lado aqueles que, predispostos ao alcoolismo por hereditariedade, são quasi sempre votados à doença, bem que diversos meios (subtração ao meio alcoólico, internamento em asilos es-

peciais) tenham sido empregados, nós aqui ocupar-nos hemos das crianças que os pais tornam alcoólicos por educação.

A criança é muito sensível ao alcool. Nas crianças aleitadas por amas que se entreguem a excessos alcoólicos teem sido assinalados accidentes graves, traduzindo-se por agitação, insónia, pesadelos, crises, convulsões. Mas, além disso, há pais que começam a dar às crianças, mal desmamadas ainda, vinho e mesmo outras bebidas alcoólicas, asseverando «que é *para lhes dar forcinha*, porque a criança é fraca» e baboseiras de igual quilate.

Já um dia fui interrogado por uma mulher minha vizinha sôbre o que havia de fazer a uma criancinha de colo que vomitava quanto comia.

—¿Posso-lhe dar um bocadinho de aguardente, senhor doutor, para compor o estômago ao menino?

E fico em dúvidas sôbre se a minha proibição foi obedecida.

Na Normandia é freqüente levarem as crianças para a escola, a acompanhar a merenda, um cantilzito de aguardente.

E depois porque havemos de espantar-nos de ver crianças de 4 a 5 anos com *delirium tremens*; de ouvir dizer que uma rapariga de 11 anos foi encontrada morta numa adega junto da torneira de um tonel; de saber que um rapaz de 15 anos deu em ladrão ou em assassino.

De quem a culpa senão dos pais, que, de muito cedo, começam a criar nos filhos o gosto, se não a paixão, do alcool?

Se lhe fazeis essa observação dir-vos hão que não lhe pode fazer mal, porque é vinho de muito boa qualidade.

E é de ver como depois a criança perde o vigor e o apetite, passa a digerir com dificuldade, a emagrecer, vítima da dispepsia; são em seguida o *raquitismo*, a *escrófula*, a *epilepsia*, a *tuberculose*, a avançar, ao passo que uma alimentação sã e reconstituente, um regime apropriado teriam, a maior parte das vezes, restituído à criança a saúde perdida.

Mas suponhamos que a criança ainda resiste a estes golpes de brutalidade. ¿Que sucederá então?

Habituada a beber alcool, continuá-lo há a beber; em breve as suas faculdades fica-

rão pervertidas, o seu senso moral aniquilado. Emfim, o hábito converteu-se em vício, e, se uma Casa de Correção lhe não abre as portas beneméritas, será o Tribunal e a Polícia que terão de justar contas com mais este transviado social.

VII—PROFILAXIA DO ALCOOLISMO

Apontado como está até aqui o mal procuremos agora apontar-lhe o remédio.

A repressão do alcoolismo já desde os mais remotos tempos preocupa a atenção dos moralistas e filósofos, dos legisladores e dos higienistas. Em Esparta, Licurgo; em Atenas, Drácon e depois Sólon, publicaram leis repressoras da embriaguez.

Segundo a lei de Rómulo a mulher que fôsse encontrada embriagada podia ser morta pelo marido.

Valério Máximo relata que, entre os Romanos, o vinho era proibido às mulheres e às raparigas, e que a infracção a esta lei era

punida com toda a severidade; os pais tinham o hábito de beijar os filhos para verificarem pelo hálito deles se tinham bebido vinho.

Maomé, no Alcorão, proíbe o uso das bebidas alcoólicas.

Mais tarde, Carlos Magno condena a prática de beber.

Uma lei de Francisco I pune com «amputação de orelhas e infâmia e desterro da sua pessoa» aquele que for encontrado ébrio na via pública.

Em nossos dias vários meios teem sido tentados para se chegar à supressão do alcoolismo.

Nem todos porem, teem sido coroados de bom êxito. Alguns no entanto teem manifestado a sua eficácia: referimo-nos ao sistema de Gothenburgo, na Suécia.

Não podemos ir agora encetar um largo estudo dos diversos sistemas que teem sido preconizados; os principais são

Estabelecimento de Sociedades de Temperança	{ França Suíça Alemanha Suécia
Internamento voluntário nos Asilos de bebedores	{ Estados-Unidos Inglaterra Alemanha Suíça Noruega Suécia
Proibição absoluta do alcool	{ Estados-Unidos
Elevação da taxa sobre o alcool	{ França Alemanha Inglaterra
Monopólio	{ Suíça Rússia
Regulamentação do número de tabernas	{ Suécia Países-Baixos

Já vimos, mais ou menos (pag. 48), os resultados que podem ser obtidos da aplicação de alguns destes meios.

Supomos que o último, bem como primeiro, podem, até certo ponto, impedir os progressos do alcoolismo. Demais, deram já as suas provas.

Mas, fora da intervenção oficial do Estado, mais eficaz acção devem ter para a diminuição, e até extinção do alcoolismo, o estabelecimento de Sociedades de Temperança, círculos, salas de leitura em que os operários se possam reunir, cantinas operárias, botequins em que se não forneçam *bèbidas brancas*, mas apenas chá, café, leite, vinho, cerveja, ou dos ainda mais radicais *restaurants vegetariânos*, em que se não fornece carne nem peixe (as comidas que mais despertam o apetite de beber), mas apenas cozinhados de vegetais, pouco condimentados, e como bebidas, o sumo de uvas (não fermentado) e de outros frutos, cidra, águas minerais, *café* de cevada, centeio e aveia, *chá* de tília ou cidreira, etc., etc.

CAPÍTULO V

O ALCOOLISMO NO PÔRTO

Este último capítulo da minha tese, que deveria ser o mais desenvolvido, pois é também o que dá nome ao livro, teve por supervenientes razões de ser encurtado.

Não que eu me poupasse a esforços para colher para êle dados importantes onde quer que êles pudessem surgir: na Alfândega, na Repartição de Fazenda, no Hospital da Misericórdia, na Assistência Nacional aos Tuberculosos, na Polícia, etc., etc. Mas, ainda que muito trabalhosa a colheita, e muito solícita a prestabilidade das pessoas a quem me dirigi, o certo é que foram quási sempre

incompletos e de pouco valor os dados obtidos. Não havia neles a referência a uma série continuada de anos (foi-me quasi sempre impossível obter tabelas nesse sentido) donde era portanto impossível tirar conclusões sérias. Faltava-lhes, enfim, um nexo, uma coordenação lógica.

Procurei, pois, valer-me da entidade ou instituição que lhos pudesse dar. Lembrando-me de que no Pôrto se criou uma Repartição com certa autonomia — embora dependente da Direcção Geral da Estatística — a Repartição da Medição Oficial do Pôrto — recorri à amabilidade do Sr. Dr. Sousa Júnior, illustre Director Geral da Estatística, e do Sr. Francisco Costa, distinto chefe da Repartição portuense, e pude colhêr os dados que abaixo transcrevo, e que fazem parte também do *Boletim Mensal da Estatística do Pôrto*, publicado desde Janeiro de 1916, e cujo último fascículo, que tenho presente, diz respeito a Setembro.

Esses dados não são absolutamente concludentes para os pontos de vista que quero focar. São porém, já suficientemente esclarecedores para muitos casos e falta só que

se continuem e multipliquem as estatísticas já feitas, para que novos trabalhos da natureza dêste com mais êxito se concluem e assim possam mostrar-nos qual a importância e desenvolvimento do *Alcoolismo no Pôrto*, habilitando a promulgar as medidas que ponham côbro ao seu incremento.

Aos quadros fornecidos pela Repartição da Medição Oficial do Pôrto ajuntámos nós ainda, sempre que pudemos, os esclarecimentos colhidos de outras vias, como sejam, por exemplo, a aceitação que na alimentação do exército tem sido dada à ração de alcool.

QUADRO A

GÊNEROS ENTRADOS NO PORTO
SUJEITOS A IMPOSTO DE CONSUMO E RIAL-DE-ÁGUA,
PARA GASTO EXCLUSIVO DA CIDADE

a) Pagando rial-de-água

	Jan.	Fev.	Març.	Abr.	Mai.
Vinho	2.524	2.648	1.920	1.499	1.574
Imp. pagos. . .	45.500\$	47.600\$	33.967\$	32.127\$	36.647\$
Alcool e aguar-					
dentes engar-					
rafados. . . .	379	401	130	152	196
Imp. pagos. . .	165\$	169\$	58\$	65\$	80\$
Outras bebidas					
alcoólicas . .	2.609	3.759	2.670	2.424	1.669
Imp. pagos. . .	233\$	322\$	224\$	207\$	143\$

	Jun.	Jul.	Agt.	Set.	A designação de quantidade é em litros.
Vinho	1.832	1.682	1.520	1.490	
Imp. pagos. . .	42.353\$	38.557\$	34.707\$	34.331\$	
Alcool e aguardentes engarrafados . . .	246	378	277	257	
Imp. pagos. . .	108\$	166\$	122\$	111\$	
Outras bebidas alcoólicas . .	747	823	2.301	1.108	
Imp. pagos. . .	85\$	82\$	197\$	83\$	

b) Pagando imposto de consumo e rial-de-água

	Jan.	Fev.	Març.	Abr.	Mai.
Alcool e aguardente em outras vasilhas {	1.083	940	2.054	627	752
	378\$	278\$	711\$	338\$	269\$
	Jun.	Jul.	Agt.	Set.	A designação de quantidade é em litros.
Alcool e aguardente em outras vasilhas {	1.091	943	815	1.048	
	345\$	423\$	319\$	349\$	

QUADRO B

CERVEJA PRODUZIDA NO PORTO

	Jan.	Fev.	Março	Abril	Maio
Quant. em litros	27.321	31.086	47.215	72.615	96.031
Imp. pago . . .	686\$	844\$	1.282\$	1.971\$	2.607\$
	Junho	Julho	Agosto	Set.	
Quant. em litros	97.421	97.899	133.271	76.021	
Imp. pago . . .	2.640\$	2.667\$	3.617\$	2.064\$	

QUADRO C

BEBIDAS ESTRANGEIRAS DESPACHADAS NA ALFANDEGA DO PORTO

	Jan.	Fev.	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Set.
Aguard. e alcool em cascos	317	225	809	17	—	—	528	—	212
Valor declarado	226\$	90\$	1.207\$	20\$	—	—	600\$	—	160\$
Aguardente e alcool engar.	—	—	—	—	—	—	—	—	—
V. decl.	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Conhaque	—	—	86	56	—	68	68	76	—
V. decl.	—	—	160\$	84\$	—	106\$	106\$	88\$	—
Licores	394	398	680	463	197	59	170	129	276
V. decl.	346\$	360\$	670\$	495\$	160\$	88\$	179\$	135\$	282\$
Genebra	426	1.498	511	923	79	—	278	865	620
V. decl.	327\$	357\$	295\$	390\$	65\$	—	62\$	367\$	250\$
Beb. alcool. não especific .	283	479	238	168	244	93	106	693	105
V. decl.	391\$	410\$	185\$	229\$	372\$	65\$	325\$	739\$	225\$
Cerveja	2.255	—	1.430	249	1.377	—	1.348	—	37
V. decl.	238\$	—	320\$	86\$	331\$	—	320\$	—	25\$
Vinho em cascos	—	—	128	—	—	—	—	59	—
V. decl.	—	—	130\$	—	—	—	—	50\$	—
Vinho engarrafado	370	370	38	143	340	110	443	429	125
V. decl.	395\$	395\$	57\$	196\$	707\$	208\$	915\$	730\$	162\$

Vejamos agora o quadro das prisões effectuadas por embriaguez:

QUADRO D

MOVIMENTO MENSAL DE PRISÕES EFFECTUADAS
POR EMBRIAGUEZ

	Varões	Fêmeas	Total
Jan.	—10	2	12
Fev.	—17	3	20
Março	—10	4	14
Abril	—11	1	12
Maió	—12	5	17
Junho	—11	1	12
Julho	—19	—	19
Agosto	—13	3	16
Set.	— 5	1	6
	<u>108</u>	<u>20</u>	<u>128</u>

Como à questão do Alcoolismo anda ligada a da Tuberculose e a da Prostituição, procurámos ver que parallelismo possa haver entre os três males sociais, observando os quadros seguintes:

QUADRO E

DISPENSÁRIO ANTITUBERCULOSO DO PORTO

Consultantes

Janeiro	1.530
Março	1.679
Abril	1.649
Maió	1.711
Junho	1.611
Julho	1.283
Agosto	1.346
Setembro.	1.403

QUADRO F

PROSTITUIÇÃO

N.º de matriculadas durante o mês	N.º de mulheres prostituídas		
	Matri- culadas	Não matri- culadas	Total (a)
Janeiro . . . 14			
Fevereiro . . 18	Em 1913—2.028	925	2.953
Março . . . 20	Em 1914—2.147	783	2.930
Abril . . . 15	Em 1915—1.875	1.077	2.952
Maio . . . 24			
Junho . . . 16			
Julho . . . 12			
Agosto . . . 18			
Setembro . . 16			
153			

(a) O número de prostituídas sob a vigilância da polícia não deve ser tam grande, porque a mesma mulher figurará mais duma vez no registo das prisões sanitárias.

Vejamos finalmente uma outra publicação da mesma procedência, e interessantíssima sob o ponto de vista médico—a *Classificação das causas da Morte*. Dela extractamos o que segue.

QUADRO G

N.º DE NADO-MORTOS CLASSIFICADOS SEGUNDO AS CAUSAS,
A DURAÇÃO DE TEMPO DE GESTAÇÃO E OS SEXOS.
—PERCENTAGENS SOBRE MORTI-NATALIDADE POR CAUSAS,
IDADES E SEXOS. — ANO DE 1912

7. Alcoolismo paterno 0
8. Alcoolismo materno 0
9. Alc. sem indic. do progenitor . . . 0

QUADRO H

N.º DE ÓBITOS CLASSIFICADOS SEGUNDO AS SUAS CAUSAS
POR IDADES E SEXOS
COM EXCLUSÃO DOS NADO-MORTOS. — ANO DE 1912

C.—Mortes violentas

41. Envenenamento agudo pelo alcool. . . 0

G.—Intoxicações crônicas.

	H.	M.
a) Alcoolismo crônico.	12	6

O ALCOOL E O EXÉRCITO

No desejo de juntar elementos para o estudo da tese que me ocupa—*O Alcoolismo no Pôrto*—procurei saber qual a razão de alcool que diáriamente se fornecia a cada praça, na guarnição do Pôrto.

Dirigi-me a um distinto official de infantaria e eis a resposta que obtive:

ALIMENTAÇÃO REGULAMENTAR DAS PRAÇAS DE PRÉ EM SERVIÇO DE GUARNIÇÃO

1.º — SARGENTOS

É constituída por uma ração diária de pão e duas refeições preparadas com alimentos cozinhados. Ordinariamente a 1.ª, almoço, é constituída por um prato e café com leite, *não se distribuindo vinho a esta refeição*. A 2.ª, jantar, por sopa, dois pratos e *dois ou três decilitros de vinho*.

2.º — RANCHO GERAL

1.ª refeição — 3 decilitros de infusão de café com $\frac{1}{4}$ da ração diária de pão. O café é preparado com 15 gr. de café e 30 gr. de açúcar por praça.

2.ª refeição — Géneros que constam das tabelas abaixo. Percentagem 100.

3.ª refeição — Géneros que constam das tabelas abaixo. Percentagem 120.

Em *dias festivos* há rancho melhorado, entrando géneros da tabela C e *distribuindo-se 3 decilitros de vinho*, à 3.ª refeição.

AGUARDENTE

Distribui-se durante a estação invernosa, durante a noite, às sentinelas e cabos, 01,03 por praça.

A tabela A consta de arroz, castanha sêca, ervilha, fava, feijão branco, frade e mistura, feijão de outra qualquer qualidade, grão, ervilha, feijão verde, massa, pão, batatas, carne de vaca sem osso, cabeça de porco, dobrada e fressura, carne de vaca com osso, carne de porco magra, carneiro, chouriço de

sangue e entremeado, chouriço mouro, mucela e farinha, atum, bacalhau, peixe fresco, sarda ou peixe seco.

A tabela B de azeite, toucinho, vinagre, cebolas, pimenta, alhos, sal, salsa.

A tabela C, para melhoria de rancho, de carne de vaca, chouriço, toucinho entremeado, cabeça de porco.

ALIMENTAÇÃO EM CAMPANHA

Ração normal na zona de guerra por homem	Ração de víveres de desembarque
Carne fresca (com osso) 0k,5	Pão abiscoitado 0k,75
Vinho 0l,4	Legumes secos 0k,15
Pão de trigo abiscoi-	Sal em pastilhas . . . 0k,02
tado 0k,75	Chouriço ou toucinho 0k,02
Café 0k,015	Café em pastilhas. . . 0k,015
Açúcar 0k,03	Açúcar em pastilhas . 0k,3
Legumes secos 0k,15	
Toucinho 0k,03	Reições a distribuir nas estações de alimentação
Sal 0k,015	
Quando se julgar necessário 0l,05 de aguardente.	1(a) { Pão abiscoitado . 0k,375
	{ Café com { Café . 0k,015
	{ aguardente { Açúcar 0k,030
	{ Aguard. . 0k,005
	2(b) { Pão abiscoitado . 0k,375
	{ Arroz . . . 0k,15
	{ Toucinho . 0k,02
	{ Sal 0k,015
	{ Pimenta . . 0k,001
	{ Cebola. . . 0k,01
	(a) das 18 h. às 6.
	(b) das 6 às 18.
Ração normal em trajecto de caminho de ferro	
Pão de trigo abiscoi-	
tado 0k,375	
Chouriço de carne, ba-	
calhau, queijo, etc. 0k,15	
Conser-	
vas (a) { de carne . 0k,2	
ou	
{ de peixe . 0k,25	
Sal em pastilhas. . . . 0k,01	
(a) Uma lata por cada período de 12 ou menos horas.	

PROPOSIÇÕES

Anatomia—No estudo da anatomia é preciso não esquecer a lei de Fritz Müller.

Histologia—O exame do feixe de His no coração humano pertence aos domínios da histologia.

Fisiologia—O nó *sinu-auricular* é o regulador do ritmo cardíaco.

Patologia geral—O sangue é a mesa posta aos micróbios.

Patologia externa—A guerra actual veio revolucionar o tratamento das fracturas.

Matéria médica—Na terapêutica mercurial antisifilítica não aconselho sistematicamente as injeções intravenosas.

Anatomia patológica—As lesões valvulares da safena interna tem capital importância na patogenia das varizes da mesma veia.

Operações—Nas amputações, a fxa de Hesmarch deve ceder o lugar à compressão manual.

Patologia interna—O jejum é ainda uma grande medicação.

Higiene—Nas curas de águas um dos elementos importantíssimos da cura é o clima, o canso e a mudança de regime de vida.

Obstetrícia—Os abortos sem causa imediata fazem lembrar a sífilis.

Medicina legal—Só o médico deveria autorizar o casamento de um indivíduo sifilítico ou alcoólico.

Imprima-se

Visto

PINHO.

TEIXEIRA BASTOS.

BIBLIOGRAFIA

O Alcoolismo—Seu papel em Nosologia e em Sociologia. Dissertação inaugural apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, 1908, por Ramalho Fontes.

O Alcoolismo—Dissertação inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto, 1900, por Manuel de Castro.

Dicionário dos Termos Técnicos de Medicina, por João Saavedra e António Barradas. Tomo I, A-D, 1915, Pôrto.

L'Higiène Nouvelle, par le Dr. Galtier-Boissière. Paris.

Traité de Thérapeutique des Maladies mentales et nerveuses—Hygiène et Prophylaxie—par Paul Garnier et Paul Cololian. Paris, 1901.

ÍNDICE

	Pag.
Preâmbulo	13
Introdução	19

CAPÍTULO I

O alcool.	23
Considerações sob o ponto de vista fisiológico	30
Toxicidade	32
Bebidas alcoólicas, fermentadas e destiladas	36
Vinho	38
Sidra	39
Cerveja	40
Vantagens e inconvenientes da cerveja	41

CAPÍTULO II

O alcoolismo	43
Consequências sociais do alcoolismo	46
Alcoois industriais	48
O alcoolismo e a loucura	50

CAPÍTULO III

Profilaxia do alcoolismo	53
Rectificação dos alcoois	55
Luta contra o alcoolismo	57

	Pag.
Luta anti-alcoólica	58
O alcool é o maior flagelo da humanidade	61
O alcool no exército	69

CAPITULO IV

As consequências do alcoolismo	71
I—O alcoolismo, a morbilidade e a mortalidade.	72
II—O alcoolismo e a alienação mental	75
III—O alcoolismo e a criminalidade	75
IV—O alcoolismo e a hereditariedade.	77
V—Alcoolismo e pauperismo	80
VI—O alcoolismo e a infancia	82
VII—Profilaxia do alcoolismo	85

CAPÍTULO V

O alcoolismo no Pôrto.	89
Quadro A	91
Quadro B	92
Quadro C	93
Quadro D	94
Quadro E	94
Quadro F	95
Quadro G	95
Quadro H	96
O alcool e o exército	96
Proposições	99
Bibliografia	101